



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13669 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

MICHEL FOUCAULT E OS NOVOS MATERIALISMOS: O PLANETA TERRA COMO UMA CATEGORIA EMERGENTE NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Alexandre S Freitas - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

MICHEL FOUCAULT E OS NOVOS MATERIALISMOS: O PLANETA TERRA COMO UMA CATEGORIA EMERGENTE NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Resumo: O presente trabalho analisa as condições de emergência dos chamados *novos materialismos* na filosofia contemporânea, a partir de uma suposta *liminaridade* com a ontologia histórica foucaultiana, a fim de pensar possíveis interferências na configuração antropológica dos discursos da Filosofia da educação. O argumento problematiza as tensões e desafios implicados na emergência do planeta terra como uma categoria de pensamento, defendendo que os *novos materialismos*, seja na versão que propõe pensar além da finitude, seja na versão que aponta para um animismo perspectivista, radicalizam a questão da diversidade dos modos de habitar a terra por humanos e não humanos, o que altera de maneira sensível os modos de produzir conhecimento no âmbito da Filosofia da educação.

Palavras-chave: Michel Foucault, Novos materialismos, Filosofia da educação

Introdução

O presente trabalho articula a crítica foucaultiana à configuração antropológica-humanista do discurso filosófico da modernidade com o gesto de enunciação da *proposição cosmopolítica* (STENGERS, 2018). O argumento insere-se em um exercício mais amplo de contraleitura da formação humana ligada à máquina antropológica e ao discurso pedagógico do humanismo moderno, apontando para uma alteração sensível nos modos de pensar a formação humana quando nos desfazemos de um ideal antigo da Paideia ocidental: abordar o sentido da presença humana no mundo, dispensando os mitos, as fantasias e os sonhos.

Trata-se de uma pesquisa teórica que se movimentou em torno das principais linhas de força dos *novos materialismos*, denominação corrente de um campo abrangente da filosofia contemporânea, cujas com/di/vergências se encontram na rejeição do representacionalismo e do correlacionismo kantiano, produzindo, entre outras consequências, uma reação hiper crítica ao domínio epistêmico da virada linguístico-pragmática nas Ciências humanas e na Filosofia, supostamente responsáveis por negligenciar o engajamento com a materialidade do mundo. O objetivo consiste em relacionar a ontologia histórica que se depreende dos estudos tardios de Foucault e sua relação com a matéria evocada pelos novos materialismos, uma vez que estes pretendem caminhar para além das barreiras impostas pelo *criticismo*, especulando sobre os efeitos de uma experiência de pensamento que faz exceção ao regime antropológico ocidental.

Com isso, almeja-se revelar um dos traços principais da antropologia filosófica ocidental: a elisão da terra como potência genuinamente histórica de fundação do mundo humano (POVINELLI, 2021; CHAKRABARTY, 2020; LATOUR, 2020).

Contrapontos fecundos a esse posicionamento emergem tanto no pensamento que Eduardo Viveiros de Castro (2015) denomina *perspectivismo cosmológico* ou *multinaturalismo*, a concepção comum a muitos povos amazônicos, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos, humanos e não-humanos, quanto nas palavras de Davi Kopenawa, “xamã-filósofo” Yanomami sobre a anterioridade cosmopolítica pensante da floresta (ALBERT; KOPENAWA, 2023). De onde decorre nossa questão central dessa reflexão: Como a emergência do planeta como categoria de pensamento afeta os modos hegemônicos de praticar, pesquisar e escrever os problemas pertinentes ao campo da Filosofia da educação? Para responder a esse questionamento, o argumento foi dividido em dois movimentos articulados. Inicialmente, serão tematizadas as questões mais amplas relativas aos *novos materialismos* e suas derivas. Para em seguida, extrair as potencialidades especulativas desse debate para repensar as práticas de pesquisa no campo da Filosofia da educação.

É possível um diálogo pós-humano entre Foucault e os novos materialismos?

No final dos anos 1970, por meio da genealogia do nascimento da biopolítica, Michel Foucault (2008) identificou um crescente interesse político pelo aperfeiçoamento da vida propiciado pela entrada do patrimônio biológico no escopo das políticas liberais. Esse interesse, embora visando o cuidado da vida da espécie humana, esbarrava com o potencial imanente de controlar, manipular e destruir a vida em si mesma. Essa aporia guarda uma certa ressonância com a afirmação foucaultiana acerca de uma possível *morte do Homem* tal como este havia sido concebido pelo discurso filosófico ocidental moderno.

No entanto, a percepção geral é a de que o diagnóstico foucaultiano teria sido superado no contexto do capitalismo mundial integrado (GUATTARI, 1981), o que exigiria uma reformulação radical da tese elaborada por Foucault (2007) acerca do modo como o entendimento antro-po-filosófico da finitude que informava as esferas de conhecimento acerca

da vida, do trabalho e da linguagem foi suplantado pelas revoluções neoliberal, cibernética e biotecnológica. Em outros termos, as novas tecnologias de produção das subjetividades, de manipulação do DNA e de digitalização algorítmica estariam introduzindo um novo modo de ordenação e formalização do conhecimento cujas condições não seguiriam mais os limites transcendentais do *antropos* e suas figuras subjetivas (RODRIGUEZ, 2019).

Essa compreensão instaurou um novo patamar de compreensão filosófico-materialista da experiência de conhecer o mundo na cultura contemporânea. Em lugar dos pares dicotômicos matéria/espírito, natureza/cultura, humano/não humano, imanência/transcendência, o conhecimento passou a ser entendido a partir da co-constituição entre vida e técnica, e conseqüentemente o conhecimento do mundo ganhou exterioridade em relação ao sujeito epistêmico. O que nos conduz a uma questão fatídica: hoje, de onde viria o poder de espanto da matéria ou, melhor dizendo, da materialidade do mundo?

A pergunta intriga uma vez que na filosofia ocidental, sendo pura potência indeterminada sem forma, a matéria sempre se apresentou como o quase exilado do Ser. Note-se, por exemplo, a desqualificação platônica do sensível relegado a um reino de sombras e assombrações. Como afirma Valle (2022), não por acaso, a abstração da presença, isto é, “a sublimação do corpo e a desconsideração dos sentidos” tem sido um dos pontos de ancoragem da epistemologia ocidental, e operante nas práticas coloniais, pela qual “realiza-se a ‘perda do mundo’, a radical descorporalização exigida pela razão moderna”, alimentada por “teorias educacionais até hoje influentes nos meios pedagógicos” (p. 1227).

Nessa direção, os *novos materialismos* abrem caminho em direção a uma materialidade radical. A expressão emergiu nos trabalhos de Rosi Braidotti (2015) e Manuel DeLanda (2006) quando ambos buscavam uma teoria cultural que deixasse de privilegiar a ontologia dualista vigente no discurso filosófico da modernidade. Mas, foi nas duas primeiras décadas deste século que os *novos materialismos* passaram a aglutinar uma constelação multifacetada de pensadores articulados em torno de uma virada ontológica na filosofia e na antropologia (HARAWAY, 2015; MONTEBELLO, 2015; MEILLASSOUX, 2008).

Trata-se de um complexo labirinto, ainda sem fio de Ariadne, mas que nos obriga a operar por meio de gramáticas não dicotômicas e de pragmáticas existenciais situadas aquém e além das heranças que historicamente informaram a Filosofia da educação. Como resultado, novos espectros passaram a rondar o mundo da educação, para além do antropologismo e do cognitivismo, instaurando novas ontologias, novas metafísicas e novos animismos, ao mesmo tempo em que clama pela reativação de novas formas de atenção e cuidado com outros regimes de existências. Com isso, as teorias filosóficas da educação são obrigadas a se deslocarem do terreno fundacional estrito e seguro do debate em torno das epistemologias, e constatarem que um resíduo não-histórico continua a assombrar e mesmo a estruturar os processos de formação da subjetividade: o real material não mediado linguisticamente. Recentemente, Judith Butler (2019) passou a defender que discurso e matéria emergiriam em um processo performativo contínuo de negociação sobre onde exatamente a linha de fronteira

entre eles é traçada. Mas, embora a localização específica da linha divisória entre a matéria e o discurso esteja sempre em movimento, ela continua a postular que essa linha deve ser traçada em algum lugar.

É justamente nesse ponto que intervêm os *novos materialismos*. Ao abraçarem um realismo não antropocêntrico baseado no reconhecimento da atividade intrínseca da matéria, os *novos materialismos* pretendem transgredir radicalmente os limites da finitude impostos pela tradição euro-ocidental dominante.

O principal efeito de rebote aqui não é apenas a recuperação da “coisidade do mundo”, mas a deflagração de uma “insensata proposta”, para usar os termos de Lílian do Valle (2022), segundo a qual seria possível experimentar ou pensar “fora da linguagem” (p. 1229), o que introduz em nossos sistemas de pensamento antigas ontologias entronizadas em novíssimos materialismos: materialismos vitalistas (INGOLD, 2011), materialismos negativos (HARMAN, 2018), materialismos performativos (BARAD, 2017), materialismos mágicos (MORTON, 2020) e materialismos animistas (KHON, 2013). Todos eles, contudo, confluem na percepção de que o pensamento filosófico ocidental ao se descolar da terra nos fez viver na fantasia de uma abstração civilizatória que suprime a diversidade, negando a pluralidade das formas de vida, e contaminando nossas existências e hábitos.

Considerações finais

Curiosamente, os *novos materialismos* também têm assumido como base de suas análises um comprometimento com uma perspectiva especulativa, direta ou indiretamente, articulada com o campo da ficção literária (HARMAN, 2012), pois esta demandaria uma atenção aos corpos e aos afetos como chave compreensiva dos desafios ontológicos e políticos. Isso porque a ficção aceitaria a condição de exílio em que se encontra o mundo material do qual participa e ajuda a criar, ao mesmo tempo em que – e nisso consiste a sua singularidade – aceita o fato de que habitamos junto a Quixotes, Gregor Samsas, Macabéas, Odradeks e Riobaldos, além dos vírus, das plantas, dos animais, dos espíritos, dentre tantos outros seres.

O mundo material da ficção seria um mundo do *quase-* e do *como se-*, um mundo intensivo; e a ficção, ela mesma, um materialismo desprovido de preconceitos. Como escreve Foucault (1999), em seu quase hoje esquecido *Raymond Roussel*, a luz do ser das coisas é uma cratera inflamada onde a linguagem desmorona-se. Por isso, as coisas, as palavras, a morte, o sol e a linguagem formam uma mesma matéria, a mesma que nós mesmos somos. Desse modo, a linguagem ficcional, talvez, permaneça sendo o lugar por excelência para pensarmos a relação que a ontologia histórica de Michel Foucault entretém com os *novos materialismos*.

Do que decorre nossa principal inconclusão especulativa: se a *linguistic turn* conferiu à linguagem, sobretudo, à linguagem literária, uma enorme importância, foi ao preço de retirar-lhe, em grande parte, sua especificidade. Assim, os *novos materialismos* com sua

disposição a especular para além da linguagem conceitual, talvez possam contribuir para restituir à Filosofia da educação novos intercessores de pensamento como demônios, gênios, fantasmas, orixás, xapiris, exus e todas as imagens que foram assujeitadas por relações de possessão e despossessão agenciadas pela soberania colonial mortífera do sujeito ocidental.

Em outros termos, talvez, faça diferença no campo da Filosofia da educação ampliar o horizonte aberto por uma antropologia especulativa capaz a fim de perguntar se podem os outros da Filosofia da educação realmente falar em nossas pesquisas e interlocuções? Nesse contexto, a ontologia do presente articulada aos *novos materialismos* permita desdobrar o real, incluindo o real da Filosofia da educação, enquanto uma *poiesis* do cuidado com a florescência do mundo comum. A metafísica como uma maneira de viver.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanistas: para entender como a matéria chega à matéria. *Vazantes*. v. 1, n.1, 2017, p. 7-34. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451> Acesso em 10 de abril de 2023.

BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge, MA: Polity Press, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

CHAKRABARTY, Dipesh. *O planeta: uma categoria humanista emergente*. São Paulo: Zazie Edições, 2020.

DeLANDA, Manuel. *A new philosophy of society: assemblage theory and social complexity*. London: Continuum, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Raymond Roussel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*. vol. 6, 2015, p. 159–165.

HARMAN, Graham. *Weird Realism: Lovecraft and Philosophy*. London: John Hunt, 2012.

HARMAN, Graham. *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. London:

Penguin, 2018.

INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. New York: Routledge, 2011.

KOHN, Eduardo. **How Forests Think: Toward an Anthropology beyond the Human**. Berkeley, CA: University of California Press, 2013.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MEILLASSOUX, Quentin. **After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency**. New York: Continuum, 2008.

MONTEBELLO, Pierre. **Métaphysiques cosmomorphes: la fin du monde humain**. Dijon: Les presses du réel, 2015.

MORTON, Timothy. **Magia realista: objetos, ontologia y causalidad**. London: Open Humanities Press, 2020.

POVINELLI, Elizabeth. **Between Gaia and ground. Four axioms of existence and the ancestral catastrophe of late liberalism**. Duke University Press, 2021.

RODRIGUEZ, Pablo. **Las palabras em las cosas**. Saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas. Buenos Aires, Cactus, 2019.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 2018, p. 442-464.

VALLE, Lílian do. Recuperar o corpo-mundo. **Educação e filosofia**. v. 36, n. 78, set./dez., 2002, p. 1227-1256. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/65068/35278/303631>
Acesso em 10 de abril de 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: n-1 edições, 2015.